

Em 1999, o tempo médio de espera para atendimentos de pré-natal era de quase

12

dias no Distrito Federal

Hoje, o tempo médio de espera para atendimentos de pré-natal é de quase

66

horas no DF

Esta espera por atendimentos de pré-natal demora, em média,

38

horas, no Amapá

O índice nacional é de, em média,

20

horas de espera para este tipo de atendimento

A probabilidade de as mulheres que precisam de internação encontrarem todos os leitos ocupados é de

65,7%

no Distrito Federal

Esta probabilidade é de, em média,

27%

em nível nacional

A saga das grávidas

Na semana passada, o **Jornal de Brasília** acompanhou o drama de uma grávida de sete meses em sua consulta mensal no Centro de Saúde N° 4 de Samambaia. Foram duas horas de espera no corredor, para ficar apenas cinco minutos dentro do consultório médico. "Não entendo por que demora tanto se a consulta é tão rápida", lamentava Luciana dos Santos Bezerra, 18 anos. "Mas eu nem posso reclamar, porque meu médico não falta nem chega atrasado. Tem gente que fica aqui muito mais tempo", conforma-se.

Embora o dia para o pré-natal seja marcado, não há um horário para cada paciente. Pela manhã, o atendimento é a partir das 7h. À tarde, começa às 13h, horário em que Luciana chegou.

As gestantes são atendidas por ordem de chegada. Já formam uma fila antes mesmo de o centro de saúde abrir as portas. "Mas a ordem de chegada é só na teoria. Depois que eles pegam nossas fichas, fazem uma bagunça. Tem gente que chega mais tarde e é atendida antes", criticava uma das pacientes.

Depois de entrarem, é hora de disputar um lugar para sentar, pois não há cadeira para todas. E o desconforto não pára por aí. Com o corredor lotado e a falta de ventilação, o calor torna-se insuportável para elas. Luciana se abanava, passava a mão no rosto e esperava. Levantou várias vezes para beber água e ir ao banheiro.

"Não dá nem ânimo de vir, pois sei que vou passar a tarde toda aqui", dizia.

Enquanto esperam, elas conversam sobre a dificuldade em comum. "Meu médico é muito rápido. Não me faz nenhuma pergunta. Só apalpa minha barriga e me manda embora", reclamava uma das gestantes. A outra lhe sugeriu que mudasse de médico. "Eu fiz isso porque o meu só chegava às 15h30. Eles acham que estão fazendo um favor só porque a gente é pobre. Mas nós pagamos o salário deles", desabafou.

Jana Míriam Patrício, 18 anos, também faz o pré-natal do Centro de Saúde N° 4. "Acho que o problema continua porque a gente se conforma mesmo, como se não tivesse solução", diz

a grávida de sete meses. Para ela, a solução é simples. "Devia ter mais médicos para a gente não precisar esperar tanto", afirma.

O médico Avelar de Holanda, médico responsável pelo Núcleo de Atenção Integral à Saúde da Mulher, lamenta os relatos das gestantes. "Não adianta só cumprir o mínimo de seis consultas durante a gestação. O importante é como essas consultas são feitas", destaca. "A mulher que tem um bom pré-natal espera por um momento glorioso. A que não tem vai esperar a vida toda. Só o instinto mesmo é que faz com que elas engravidem novamente depois de uma experiência assim", conclui.

"Só o instinto faz com que engravidem novamente depois desta experiência"

Avelar de Holanda, chefe do Núcleo de Atenção Integral à Saúde da Mulher